

Palestras

EDUCAÇÃO: O SILÊNCIO DO CORPO¹

Lectures

EDUCATION: THE SILENCE OF THE BODY

Daniilo Di Manno de Almeida, UMESP²

ddmda@uol.com.br

<http://lattes.cnpq.br/3222432876274239>



CAMINE: Cam. Educ. = Ways Educ., Franca, SP, Brasil - eISSN 2175-4217 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)  

RESUMO

Este trabalho trata do silêncio do corpo no ambiente da educação formal e institucionalizada. O tema do silêncio acompanha tanto os enquadramentos a que é submetido o corpo na escola, como as reações do corpo, que, apoiado em sua sabedoria e inteligência, encontra os caminhos de sobrevivência neste contexto de silenciamento.

Palavras-chave: filosofia do corpo. silêncio. instituição educacional. corpo discente.

ABSTRACT

This work deals with the silence of the body in the environment of formal and institutionalized education. The theme of silence accompanies both the frameworks that the body is subjected in school, as the reactions of the body, which, supported by his wisdom and intelligence, are the ways of survival in the context of silencing.

Keywords: *philosophy of the body. silence. school; students.*

O ponto de partida das reflexões filosóficas que se seguirão pode ser enunciado da seguinte maneira: cada experiência tem o seu silêncio. O silêncio é o fundo não só das palavras, como sugeriria uma abordagem lingüística, mas da própria experiência humana, a que se pronuncia e a que se cala. Justamente porque a experiência silenciosa é mais do que a ausência de palavras.

¹ Palestra proferida por ocasião do 2º Seminário de Educação na UNESP de Franca em 27 de maio de 2009.

² Doutor em filosofia; docente-pesquisador junto à Universidade Metodista de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Já foi cantado que “nós somos feitos de silêncio e som”³. De fato, do ponto de vista da enunciação de palavras (sonoras), há também um jogo de pronunciamento e silêncio: palavras e som.

Transportando essa discussão para a prática educacional, proponho tomar como ponto de partida a seguinte problematização: a prática educacional é feita de silêncio e som, mas, prioritariamente, de silêncio. Não somente de silêncio da palavra, mas de um silêncio ainda mais profundo, que é o silêncio do corpo.

A primeira reação que nos ocorre é a de lançar um manifesto em favor do corpo, rechaçando a sua dominação escolar. Este pode ser um caminho legítimo, mas não será trilhado neste artigo.

A idéia desta apresentação é a de que precisamos entender melhor esse silêncio corporal. Ainda que este silenciamento nos sirva para indicar a *ignorância corporal* das instituições educacionais, ele será ainda mais esclarecedor sobre as estratégias do corpo e sobre a sua sabedoria. De modo que, somos nós, docentes e futuros professores, que necessitamos aprender as *lições do silêncio do corpo*. Esta seria uma grande chance de mudar nossas relações no interior das instituições educacionais e de experimentar a conceber a solidariedade corporal.

É visando a este fim que será proposta a reflexão sobre o silêncio do corpo, não de maneira reativa, mas, ao contrário, de maneira profundamente positiva e afirmativa.

I – EXPERIÊNCIA DE SILÊNCIO – O CORPO ESTÁ EM CASA

Como veremos a seguir, ao mesmo tempo em que é condição privilegiada do conhecimento intelectual no espaço educacional – em desvantagem para o corpo *inteiro* –, o silêncio é um modo privilegiado do corpo. Quando está em silêncio, o corpo está em casa, *chez soi.*; *home sweet home*. O silêncio é um modo privilegiado do corpo.

Se na educação formal o silêncio é um dos pressupostos desse modelo educacional que se concentra apenas no intelectual e cognitivo, por sua vez, o silêncio do corpo, é algo mais do que a indicação de seus constrangimentos

³ SANTOS, Lulu; MOTTA, NELSON. Certas coisas. Interprete: Lulu Santos. In: LULU SANTOS. **Ultimo romântico II**. Rio de Janeiro: Warner, 1996. CD. Faixa 4.

escolares. O seu silêncio é sinal de uma *inteligência* corporal que vale a pena ser explorada.

A experiência polissêmica do silêncio

O silêncio é uma experiência de múltiplos sentidos⁴.

Há um silenciar-se, imposto e autodeliberativo. Silenciamento da palavra, exílio, proibição, castigo à palavra não desejada, ameaça. Mas, também, mutismo intencional, recusa, indiferença,

O silêncio aponta para um indizível: da experiência trágica, da não superação, do desconhecido, da estratégia, da sedução, da maquinação.

No silenciamento ostensivo, o corpo se recusa a falar (mutismo da palavra). Ou, ao contrário, se diz, silenciosamente e diz mais do que milhões de palavras e elaborados discursos.

Por isso, todo silenciamento ostensivo é o ponto fraco de todos nós: a ameaça à tortura ou à morte do corpo. Se o corpo é ameaçado de morte é porque o silêncio obsequioso ou o mutismo imposto, são insuficientes. Por ser lugar por excelência do silêncio, tenta-se matar o corpo, para que não fique o risco do silêncio do corpo, que é comunicativo e conspiratório. Ação insuficiente, pois, mesmo morto, o corpo se comunica e incita as ações futuras.

II – EDUCAÇÃO E SILÊNCIO DO CORPO

Uma pergunta inicial: por que associamos ensino e silêncio?

Primeiramente, porque estabelecemos uma relação entre conhecimento teórico e ensino. Na educação formal, o conhecimento teórico ocupa a quase totalidade do ensino. Pelo fato de o mesmo ter que ser assimilado e não dialogado, não há troca de palavras, discussões ou disputas. Cabe apenas registrar uma palavra que é dita e recebida como um dado. Aprende-se silenciosamente. Num sentido inverso, quanto maior o alarde das palavras, conclui-se com maior facilidade de que não há conhecimento teórico em elaboração. Quanto mais o corpo estiver envolvido e quanto maior for o seu movimento não silencioso, mais facilmente se concluirá que estamos distante de uma problematização teórica. Ensino e silêncio, de um lado,

⁴ Permitam-me remeter a meu texto para ver a discussão com fundamentos teóricos em O silêncio dos docentes: uma nova configuração? **Linhas Críticas**, Brasília(DF), v. 14, p. 301-318, 2008.

corpo e movimento de outro. Não está no escopo deste trabalho discutir com mais detalhes a referida hierarquização do conhecimento e do ensino e seus desdobramentos corporais. Este assunto poderá ser tratado em outro momento.

De fato, o silêncio é apropriado ao modo intelectual do conhecimento, que se baseia fundamentalmente na concentração cognitiva. O cérebro conhece silenciosamente, não sendo necessário o “corpo” (quer dizer, os membros ou aquilo que não é “cabeça”).

Em segundo lugar, a palavra e o silêncio são distribuídos de forma desigual. O docente assume a palavra, o discente o silêncio, como na “educação bancária” cunhada por Paulo Freire. O palavreado corriqueiro do dia a dia do corpo discente vai ao limite da decisão de uma palavra final da autoridade do conhecimento do docente. Diante de uma palavra última, se conformam tanto os disputadores que recebem a sentença do juiz, como os alunos frente à autoridade cognitiva do docente.

Sendo assim, sugere-se aí que o ambiente da educação formal acentua a dimensão negativa do silêncio, restringindo a sua polissemia a significados restritivos, proibitivos, dominadores? O que fazer com os sentidos “positivos” do silêncio, como a sedução, o jogo, a experiência indizível?

Exatamente neste ponto, a condução do tema poderia seguir uma via da lamentação do “pobre corpo” dominado na relação educacional – via legítima e que exige ainda análises extensas. Poderia também seguir a via de uma conscientização do lugar do corpo na educação. Vizinha à anterior, esta via se destinaria a nos levar a uma tomada de consciência da condição silenciosa do corpo na educação. Assim, a bandeira a alçar seria a da uma defesa do direito ao som do corpo, à sua manifestação, Trabalho igualmente necessário e a ser feito. Uma terceira via, contudo, se abre e será esta que tentarei esboçar aqui.

Nas duas primeiras vias, tomamos a educação formal (situação educacional) como um *dado*, no qual incluímos o corpo, posteriormente. Na terceira via que proponho, partimos do corpo (em seu silêncio) para considerar, *em seguida*, a situação educacional.

Assim, não *enquadramos* o corpo numa situação educacional dada, pronta. Fazendo outra coisa, perguntamos como é que o corpo sente, percebe ou vive essa situação de silenciamento educacional, a partir de sua experiência silenciosa mais profunda.

Com efeito, uma *tomada de corpo* desta terceira via, fará outra coisa que uma conscientização corporal, que está na base das duas vias anteriores. Neste caso, trata-se de perscrutar o cenário educacional, seguindo o corpo nas suas manifestações, nos recuos estratégicos, na evidência de sua inteligência corporal. Portanto, no lugar de refletir sobre o corpo no interior da educação e tomar sua defesa por causa dos silenciamentos sucessivos a que é submetido, proponho acompanhar as reações do corpo no cenário educacional. Afinal, o que está posto em questão é muito mais a institucionalização da educação do que o corpo. Nos rastros do corpo na sua debandada em silêncio perceberemos, se formos sensíveis para tanto, a inadequação corporal das instituições educacionais...

III – O CENÁRIO: EDUCAÇÃO E CORPO

Efetivamente, há um silêncio lançado sobre o corpo: um silenciamento educacional, propriamente falando. Mas, há outro silêncio evocado pelo corpo, como sua marca, seu trunfo, melhor dizendo, como sua sabedoria corporal.

Proponho um cenário que nos facilitará avançar na exploração da condição silenciosa do corpo.

Descrição do cenário – Império cognitivo na Educação Formal e Institucionalizada. O caso se passa na Escola; sendo as escolas as sucursais deste Império. As raízes históricas de um dicotomismo fundante da situação educacional vigente (educação formal e institucionalizada) serão importantes para estabelecer algo como um *estudo de caso corporal*. Neste caso, os papéis principais estão encenados por “Alma” e “Corpo”, num debate mais ou menos silencioso. A Alma fala, argumenta, se protege. O Corpo se defende, se silencia ou se evade. Sigamos esses movimentos.

O discurso da Alma – A Alma, suas testemunhas e seus defensores têm argumentos que crêem ser suficientes para provar que a Escola, efetivamente, “não é um lugar corporal”, visto que se trata de um espaço privilegiado do entendimento, da razão.

O incômodo corporal na escola depende apenas de ajustes, que serão feitos à medida que o infante ingressante permanece longamente em seu interior. Desde a mais tenra idade, qualquer *sintoma corporal* é detectado como patológico. O corporal é patológico. Conseqüentemente, todo atraso escolar (cognitivo) tem

diretamente ou indiretamente a ver com um retardamento corporal. A inteligência está de uma forma ou de outra ligada à condição corporal dos estudantes. Por isso mesmo, a presente testemunha porta com ela todos os dossiês que asseguram o embasamento pedagógico, científico, filosófico, institucional desta perspectiva.

As reações do Corpo – O Corpo percebe, sente, ressentido essa separação, que é contra ele. Às vezes contesta, distraído por instantes, esquecendo-se que as condições adversas tornam sua argumentação fraca demais para ser sustentada diante dos raciocínios da Alma. Pois está não está só, uma vez que está protegida por aparatos que a sustentam antes mesmo que ela pronuncie qualquer palavra. Por isso o Corpo entende que o ambiente lhe é amplamente desfavorável.

Encontra, por si mesmo, uma saída. Separa-se deliberadamente deste ambiente, ainda que permaneça nele (corpo presente). Já entendeu o ambiente sectário da Escola: esta quer apenas parte dele, a sua cabeça, a inteligência, o raciocínio, a inteligência. Já aprendeu as lições do silêncio. Propriamente falando, o Corpo é pouco exigido. A Educação formal e institucionalizada quer apenas o caráter performativo de sua inteligência (ou daquilo que esta educação entende por inteligência): habilidade cognitivas, operações do pensamento, raciocínio, argumento, articulação oral, reflexão, previsibilidade.

O Corpo já vem instruído de casa – do profundo de sua experiência humana. Instrui-se também no cotidiano, nas relações frustradas, daquelas que lhe fizeram bem.

O Corpo já aprendeu consigo mesmo, de si, aquilo que enunciei no início – o silêncio é um modo privilegiado do corpo. Aprendeu também que o silêncio é fundamental nas relações. Recriminações humilhantes a algo que disse uma vez, o faz guardar o provérbio hebreu “falar é prata; calar é ouro”. Percebe que mais do que o silêncio, a palavra pronunciada passa a ser um trunfo nas mãos dos outros. Uma palavra dita serve para que o outro o ameace dizendo “vou revelar seu segredo”. Por isso o silêncio também é uma arma, um escudo contra a invasão alheia. O silêncio nos lança no jogo, no domínio, na batalha, na luta pela sobrevivência.

Cala-se na escola porque é um Corpo inteligente. Retoma as suas memórias do silêncio, como controle do outro, charme da criança, sedução do outro, a cumplicidade, o suspense, o medo, a covardia, a compaixão, a inutilidade das palavras.

Quando se volta a si, o Corpo entende que o silêncio é fundamental para o domínio de si mesmo, de sua autoestima. Afinal, o recolhimento de si, na solidão, permite fazer um trabalho de estocagem das experiências, sobretudo, das corporais (memórias, marcas).

Silencioso é o foro íntimo, reduto de segurança do sujeito – fortaleza que resiste muitas vezes até a tortura... Mesmo assim, guardamos o segredo em nós mesmos, pois podemos dizer aquilo que o torturador quer ouvir, sem jamais dizer o que realmente silenciemos em nós – sem contar que se silencia em nós um mistério, pois não sabemos tudo de nosso silêncio e de nosso silenciamento.

A todo esse conjunto de conhecimentos advindos da experiência, soma-se a experiência estética do silêncio. Os prazeres do Corpo se não inteiramente envolvidos com o silêncio, o faceiam em todas as experiências. Fechados os olhos, O Corpo mal consegue se expressar quando degusta o alimento que o sacia e lhe dá prazer; O silêncio acompanha o desejo sexual, que solicita no seu clímax a ausência da palavra articulada, suportando apenas o grito ou a grunhido, em direção a um silêncio em que os corpos envolvidos encontram-se no mais íntimo de sua vivência estética.

Com seus conhecimentos não formais, casuais, experienciais, vivências (a epistemologia do Corpo), o Corpo se silencia diante da redução das experiências que a educação formaliza e institucionaliza. Não somente porque a escola é um lugar proposital de silenciamento do Corpo, mas porque o Corpo entendeu o quanto os *anticorpos educacionais* não serão vencidos se ele falar. Ele se cala, portanto.

IV – DESFAZENDO O CENÁRIO

Pela via da *tomada de corpo*, seguindo-o em suas reações no interior das instituições educacionais, o corpo não aparece como vítima de processos cognitivos. Se a escola não é lugar do corpo, este já entendeu bem a mensagem. Reconhece o predomínio do inteligível e a irredutibilidade dos processos epistemológicos da educação formal, bem como a intransigência da gestão e da política educacionais. Cercado desses movimentos anticorpos, o corpo tem ciência do cotidiano inteligível da escola.

O corpo faz sua declaração de debandada. O prazer não está ali, não há descoberta, clima heurístico, imaginação. Persiste apenas o clima de estudo

intelectual, inventário teórico, tradição inabalável dos gestos racionais de sempre, domínio de um dado.

Mas, por que continua vindo à escola? A sua freqüência não deveria nos levar a supor que o corpo não seja tão arredio a este ambiente. É falta de sensibilidade corporal não perceber que seus passos na escola não indicam rastros dos que vêm, mas do que partem. Por isso são as relações fraternas, amorosas, com colegas e alguns mestres (que se são reconhecidos como amigos) que o fazem retornar. São também as promessas de um emprego, de uma colocação melhor no mercado que o fazem tolerar o peso de seu silêncio. Serão apenas alguns anos, pondera... Para os que discordam, considere-se a linguagem de sacrifício que acompanha o cotidiano escolar, principalmente no ensino universitário.

De fato, o corpo concede parte de seu tempo à escola, mas somente em vista de si mesmo: da melhora nas relações paternas em casa (ser universitário lhe dá uma folga relativamente às cobranças que são feitas por seus pais e, assim, com este prestígio, poderá conseguir maior tempo para seus prazeres corporais). O tempo sacrificado na escola também se alimenta das visões de um futuro melhor no trabalho. Do ponto de vista corporal, para que servem as promoções na carreira profissional, senão para dar ao corpo condições melhores de seu deleite (mais condições de diversão, de alimentação, de comodidades tecnológicas?).

Tomados como mundos à parte, as ambições do corpo e as exigências escolares, por causa mesmo das ambições, o caminho se torna suportável. O corpo avalia prontamente que a escola é uma passagem obrigatória imposta pela sociedade atual. Por outro lado, é por essa razão que a didática, os conteúdos, as metodologias, as disciplinas, os temas, as tarefas, as pesquisas, passam ao largo de seu foro íntimo. Tudo isto tocam apenas indiretamente a profundidade de seu corpo. A escola é apenas um deserto no caminho de um oásis que o corpo visualiza decidido a pagar o *pedágio escolar*, para chegar lá.

JULGAMENTO DO FINAL

Encaminhando para a conclusão destes devaneios corporais, que tal você figurar como juiz de uma decisão sobre o final desta história? Oferecerei três análises que servem de parâmetro para avaliar sua descrição das atitudes positivas de um corpo que localizou seu desejo bem longe dos limites escolares. Sua opção

demonstrará a você, não a mim, as condições efetivas com as quais você lida com a situação corporal da educação. E, por sua vez, será a ocasião de mostrar a você, as ruínas de uma educação formal e institucionalizada, que permanece intacta apenas na sua convicção pessoal e educacional. Quando a vemos a partir do corpo, notamos, sim, rastros de uma debandada... Não o corpo que é posto em questão. Ao contrário, o corpo põe em xeque as instituições educacionais. Toda intransigência, domínio e constrangimento sofridos pelo corpo na educação revelam, em segundo plano, as estruturas e o lugar político das instituições educacionais.

Senha 1. A competência da escola é o conhecimento – Você considera o que foi dito. Compreende as argumentações que lhe expus, mas, decididamente, a sua posição é: que seja assim. Pois você crê firmemente que a separação entre corpo e alma não é real; ela é apenas *pedagógica, didática*. Você acredita também que há muitos outros lugares em que o corpo ocupa a primazia, lugares apropriados. E que a competência escolar é a cognição, os processos de transmissão do conhecimento. Você até defende a mudança de métodos de ensino, a flexibilização na educação. Mas, você insiste: a tarefa educacional é a do conhecimento. E conhecimento se faz de maneira racional, direcionada e comandada por procedimentos cognitivos e intelectivos.

A esta posição chamo de intransigência da inteligência porque diz “amém” ao projeto educacional intelectual e recusa peremptoriamente qualquer espaço ao corpo. O corpo que se ajuste a esse projeto, que não o inclui como um *todo*, mas apenas com a sua inteligência. O corpo se dá conta desta intransigência. Por causa dela mesmo é que se evade e procura, reconhecendo que você tem razão, o prazer em outros lugares. Ele sabe usar da sua intransigência, caro educador convicto. Sabedor da sua dureza e posição irremovível, o Corpo faz de conta que concorda com seus argumentos racionais. Se ele volta constantemente à escola – o que para você é demonstração da inabalável importância da instituição educacional – é porque a escola se tornou um *instrumento* na realização de seu projeto de prazer. Ao contrário do que é para você, a escola não tem nenhuma *finalidade* para ele. Ela é apenas um *meio* para a efetivação daquilo que ele busca conseguir.

Senha 2. Em defesa das instituições educacionais (de uma classe corporal) – Ainda que semelhante à primeira reação, esta põe o enfoque sobre o institucional,

em defesa da escola e da viabilização do ensino. Reconhece-se que há um domínio corporal, por conta de uma necessária adequação escolar. Se os processos intelectuais silenciam o corpo, a razão está em que esta é a melhor forma, milenar, encontrada para viabilizar a ação da escola. Afinal, você argumenta, o que se esperaria? Uma revolução escolar por causa do corpo? Uma liberação dos desejos incontroláveis do corpo? Você nos chama a atenção: veja o estado da escola hoje! Não é justamente a inadequação de comportamentos corporais no interior da escola que explica a violência, a indisciplina escolar? Não temos dado demasiada vazão a essas manifestações, contrariando a finalidade da instituição, que é de preparar intelectualmente o seu alunado?

Sigamos a sua argumentação. Por outro lado, continua você, se o corpo é subordinado à organização escolar é porque, na divisão das funções institucionais da sociedade, haverá lugares outros apropriados para expressão do corpo. Ao esforço escolar de preparação para o conhecimento, entende-se, deveriam se juntar outras instituições, às quais seriam atribuídas funções esportivas, lúdicas, artísticas. A própria sociedade se organiza de maneira a atender as necessidades do ser humano integral (academias, cursos, clubes, escolas das artes, música, dança, motéis etc.). Assim, a escola já dá a sua contribuição ao incluir ainda que timidamente a educação física, as artes no conjunto de seu quadro disciplinar. Claro, na proporção que não prejudique o exercício de sua função prioritária da produção do conhecimento e registre a sua contribuição social e cultural para a edificação de uma sociedade cidadã!

Belo discurso e boa forma de se livrar da função corporal das instituições educacionais. Além do cunho altamente elitista, eterniza-se a prerrogativa intelectual da escolarização. Pouco importa às instituições escolares se o suposto *complemento corporal* ofertado pela sociedade seja praticamente inexistente para as classes sociais mais carentes. Pouco importa se apenas algumas posições econômicas da sociedade poderão encontrar com seus próprios recursos excedentes algum acesso complementar do corpo: atividades lúdicas, artísticas, culturais, freqüentação de clubes, motéis e outros.

Aqui podemos registrar talvez a maior denúncia que o Corpo faria contra as instituições educacionais. Do ponto de vista do Corpo, primeiramente, a obrigatoriedade escolar está restrita à obrigatoriedade intelectual. Em segundo lugar, por se tratar de uma escola moldada por *classes corporalmente mais abastadas* e

destinadas prioritariamente a elas, os *complementos corporais* estão excluídos do Programa Escolar. De modo que a “exclusão” do corpo pelas instituições escolares e a “ideologia” de sua viabilização pela contenção corporal de seu alunado é, outra vez, uma medida de exclusão social e cultural (cidadã ou qualquer outra verborragia que lhe agrade).

Veja, enfatiza o Corpo, as classes abastadas buscam na escola *parte* de sua formação integral (que, para elas, sim, inclui o corpo!). Sabendo disto, elas complementarão o que lhes falta na escola, com ações *corporais* (com a arte em geral, música, pintura, esportes, atividades lúdicas, ambientes de estímulo sexual etc.). Mas, a escola que cumpre uma função parcial para as classes abastadas, cumpre uma função *integral* para a massa corporal das classes empobrecidas e miseráveis que freqüentam a escola (e até de uma classe média baixa, que perde as condições de ampliar a formação integral dos corpos de seus filhos). Onde essas classes desprestigiadas compensarão a formação intelectual recebida na escola? Onde completarão o que lhes falta, para que sua formação seja também *integral*?⁵

Assim, a ideologia da contenção escolar do corpo – vide a preocupação atormentada contra a indisciplina escolar – é uma grande engabelação teórica e uma construção ideológica contra a maioria (numérica) dos corpos. De um lado, a idéia é que basta o acesso à escolarização. E que, agradecidas, as numerosas classes (corpos) que chegam aí por causa da bandeira do ensino “laico, obrigatório e gratuito”, deveria se *contentar com o parcial como se fosse integral*. O que querem mais? De fato, o que dizer quando, os doadores estão orgulhosos de sua concessão social? Para eles, a essas classes desprovidas, basta o acesso ao conhecimento intelectual. Elas não deveriam louvar o fato de receberem de lambuja, com os programas disciplinares, a inclusão de uma pequena porcentagem de disciplinas ou atividades como “arte”, “educação artística”, “desenho”, “educação física”, “brinquedoteca”. Se não lhes é dado um banquete corporal, que venham as migalhas corporais... Se a escola estiver ciente da miséria corporal dessas classes, verá nestas práticas o cumprimento de sua função social, atendendo a miséria miseravelmente.

Não é surpreendente que toda discussão sobre a indisciplina escolar prescindia desta dimensão corporal e acentue privilegiadamente o conjunto de comportamentos

⁵ Não está em questão a escola ideal, que aplicam os princípios da Paidéia grega e incluem atividades da “alma” (cognitivas, políticas) e do “corpo” (formação artística, física e outras). Esta questão merece uma atenção especial.

(psicologicamente enquadrados) de seu alunado. De fato, a viabilização da instituição escolar pela exclusão do corpo e pelo privilégio dos processos cognitivos, se confirma mais como um discurso de ocultamento de uma penúria corporal de algumas classes do conjunto social.

Nota-se a complexidade da condição escolar do corpo. Está refletida aí uma dimensão corporal da sociedade, que a escola, de sua parte, legitima pela exclusão corporal e pela compensação famigerada desta mesma exclusão.

Senha 3. Solidariedade corporal, compaixão somática – Esta última senha é corporal. É por ela que fizemos as objeções às argumentações das duas senhas anteriores. O Corpo – escrito assim para lembrar o nosso cenário educacional – sabe reconhecer as armadilhas daquelas argumentações. Sabe porque é excluído e sabe onde encontrar as suas consolações, o seu conforto e as suas compensações. A indestrutibilidade das instituições escolares o faz evadir, não por covardia, mas porque sente que não vale a pena o esforço corporal para combatê-la. A escola é inabalável como as instituições mais sacralizadas que chegaram até nós.

Mas, há uma grande vantagem em tudo isto, que é o fato de termos sido todos escolarizados. Todos nós trazemos as marcas institucionais da educação sobre nossos corpos. As marcas da educação tem se tornado, depois da Idade Média (que recebia a marca religiosa), o processo de institucionalização mais atualmente mais universalista. Considerando ainda a repetição de um modelo eurocêntrico, que se imprime a todos os países sobre os quais impõe a sua dominação, temos todos nós matrizes de um selo educacional universalista.

Embora tenham sido feito até aqui objeções que sugerem uma manifesto em favor do Corpo, o que intentei evidenciar é, primeiramente, a *ignorância corporal* das instituições educacionais. À qual correspondem ações de *inteligência corporal*, que se traduz especificamente em usar as instituições educacionais como *meio, instrumento* na consecução de um fim maior. Em outras palavras, os corpos se desinteressam pela educação. Com efeito, os processos cognitivos priorizados na formação educacional atendem muito parcialmente aos interesses corporais. Se a escola chegar a ser um mal necessário na caminhada humana, em vista de um gozo maior, que assim seja, passemos por ela.

Passagem em debandada coletiva dos corpos em relação às instituições educacionais. O controlador (a escola) é usado (como instrumento, objeto) pelo seu

usuário contumaz (que parece estar dopado da ideologia de seus dirigentes). Nada mais distante do que acreditar que a maioria do alunado tenha assimilado a ideologia das instituições escolares, como se acreditaria, ingenuamente, que os crédulos medievais teriam assimilado a convicção religiosa da Igreja. Ademais, é provável que hoje estejamos mais instruídos para praticar a dissimulação.

No entanto, não podemos ficar apenas no registro desta evasão dos corpos – aquela que efetivamente denota a condição estudantil atual. Temos que aproveitar o universalismo do projeto educacional, e evocar a nossa experiência comum, em favor de uma solidariedade dos corpos. Solidariedade dos corpos, compaixão somática.

Primeiramente, porque a debandada corporal sugere que hajam lugares para onde ir... Porém, o intrigante é que nem todos terão para onde ir. Saindo da racionalização escolar, em prejuízo do corpo, alguns poucos corpos encontrarão a sua *compensação corporal* em outros lugares. Esses poucos terão acesso às atividades corporais que a sociedade oferece. Aliás, na sociedade capitalista, cuidar do corpo custa caro (as instituições corporais alternativas são custosas: cultura, esporte, lazer, gastronomia, alimentação).

De onde vem a solidariedade e a compaixão? Vem do fato de que poucos são os corpos que completarão o que a exclusão corporal da intelectualização escolar não lhes oferece. Qual a alternativa que a grande massa (quantidade) dos corpos escolares encontrarão numa sociedade estruturada igualmente de maneira racional? A sociedade e a escola são reflexos uma da outra. A exclusão corporal na escola reflete a exclusão corporal na sociedade. Não há dimensão integral nem lá nem aqui. O corpo sofre a sua exclusão e a divisão corporal por todos os lados.

A escola acredita cumprir uma função social ao incluir as migalhas corporais em algumas disciplinas reduzidas a um mínimo de carga horária. É assim que a responsabilidade cultural da escola (culpabilidade corporal da escola?) é ela mesma compensada. Nos raríssimos casos da sociedade brasileira, diante da demanda, mesmo os grandes esforços são reduzidos a um famigerado atendimento de acesso à cultura, ao lazer, ao esporte, às artes e outras atividades corporais. Mas isto tudo depende, outra vez, de uma decisão política, restrita às condições efetivas de governos e de algumas iniciativas do terceiro setor⁶.

⁶ Iniciativas de inclusão cidadã como as que participamos, minha colega profa. Dra. Maria Leila Alves e eu, como curadores, são poucas (Casa de Cultura e Cidadania, coordenado pelo Grupo H.Melillo, patrocinado pelo Grupo AES Eletropaulo).

Se as chances de mudar as instituições educacionais parecem ser bastante reduzidas, porque são correlatas das mudanças políticas, o que nos resta fazer? Chorar todos nós, corpos doloridos e marcados pela escola? Fazer uma passeata, nus, afrontando o moralismo institucional? Como praticar as *lições do silêncio do corpo*?

Comecemos por algum lugar. Por exemplo, por uma percepção do próprio corpo. Relembremos a nossa história corporal na educação, quer dizer, retomemos a educação de um ponto de vista corporal. Quais as alegrias corporais que sentimos, quais as humilhações corporais que nos imputaram? Um croc na cabeça, um riso, um sarcasmo, a exposição diante dos colegas, um assédio. O olhar severo do supervisor, as ameaças da coordenadora, o distanciamento do diretor, a perseguição do vigilante no corredor... A lembrança do olhar terno de uma professora, o apoio amigo do docente, a recepção calorosa dos gestores da escola... Ver a escola pelo corpo é começar por lembranças que revelam as marcas institucionais da educação em nossos corpos.

Depois, por que não perceber as dimensões políticas desta exclusão corporal? Passemos a comentar entre nós sobre as conseqüências políticas da debandada dos corpos da educação. Por que não pensar numa política dos desejos? Afinal, para onde vão esses desejos? Novamente para as opções que a sociedade estruturada racionalmente nos oferece? Que ação docente poderemos realizar, abordando essa temática? Poderíamos despertar o sentimento de compaixão somática? Diminuir a nossa sede de instruir os pequenos infantes? Acolhe-los corporalmente, quer dizer, enxergar seus movimentos no interior das instituições educacionais como movimentos de corpos acuados, em adestramento social e político; corpos pequenos aliciados a uma racionalização sem volta, custosa, decadente?

Liberar o nosso próprio corpo das exigências intelectuais, diminuir ao menos a nossa intransigência epistemológica e acolher, nós mesmos, o nosso corpo na atividade de ensino. Pensar-se corpo-docente, corpo-estudante, corpo-aluno, corpo-gestor. Ser solidário do próprio corpo. Perceber-se num processo de consumação profissional, que nos reduz a um silêncio docente. Perceber-se envelhecendo dentro das instituições educacionais, notando a evasão de energias e de vitalidade em nome e por amor à construção de um ideário educacional excludente.

Tudo isso não é tomada de consciência. É tomada de corpo. É o nosso corpo reagindo, retomando-nos a nós mesmos. A compaixão somática é correlata dessa paixão pelo próprio corpo, evitando o destrato, a morte corporal em nome de idéias que, sabemos, são ópio em nossa própria caminhada. Idéias que funcionam como morfina para as nossas dores e decepções institucionais na educação. Quantas vezes não está intelectualmente evidente para nós que não chegaremos ao lugar pretendido e que seria, portanto, melhor discernir entre a ilusão e a esperança. Toquemos a ilusão das idéias pela esperança dos corpos.

Começar por uma tomada de corpo. Nosso corpo, corpos de dentro das instituições educacionais. Solidariedade corporal, compaixão somática. Começar por mudar o hábito de ter idéias sobre os corpos e sobre a educação dos corpos. Assumir o hábito de colocar os corpos nas idéias. Corporificar nosso pensamento. Pensar corporalmente.

Pode ser pouco, porém, pode ser também um novo começo para os corpos. Inclusive para os nossos próprios corpos⁷.

⁷ Para outras leituras neste mesmo teor, permita-me enviar a meus textos: *Pedagogia: corpo e paixão. Educação e Linguagem*, São Bernardo do Campo, v. 4, n.4, p. 138-128, 2001; *Opus corporis: política, educação e utopias* In: BARBOSA, Joaquim G.; DURAN, Marília C. G.. **Políticas e educação: múltiplas visões**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2002, p. 101-114; *Uma ética para o corpo* In: ALMEIDA, Danilo Di Manno (org.) **Corpo em ética: perspectivas de uma educação cidadã**. 2. ed. São Bernardo do Campo: Umesp, 2003; **Corpo e educação: culturas e práticas. Educação e Linguagem**, v.11, n.17, p. 13-18, 2008.